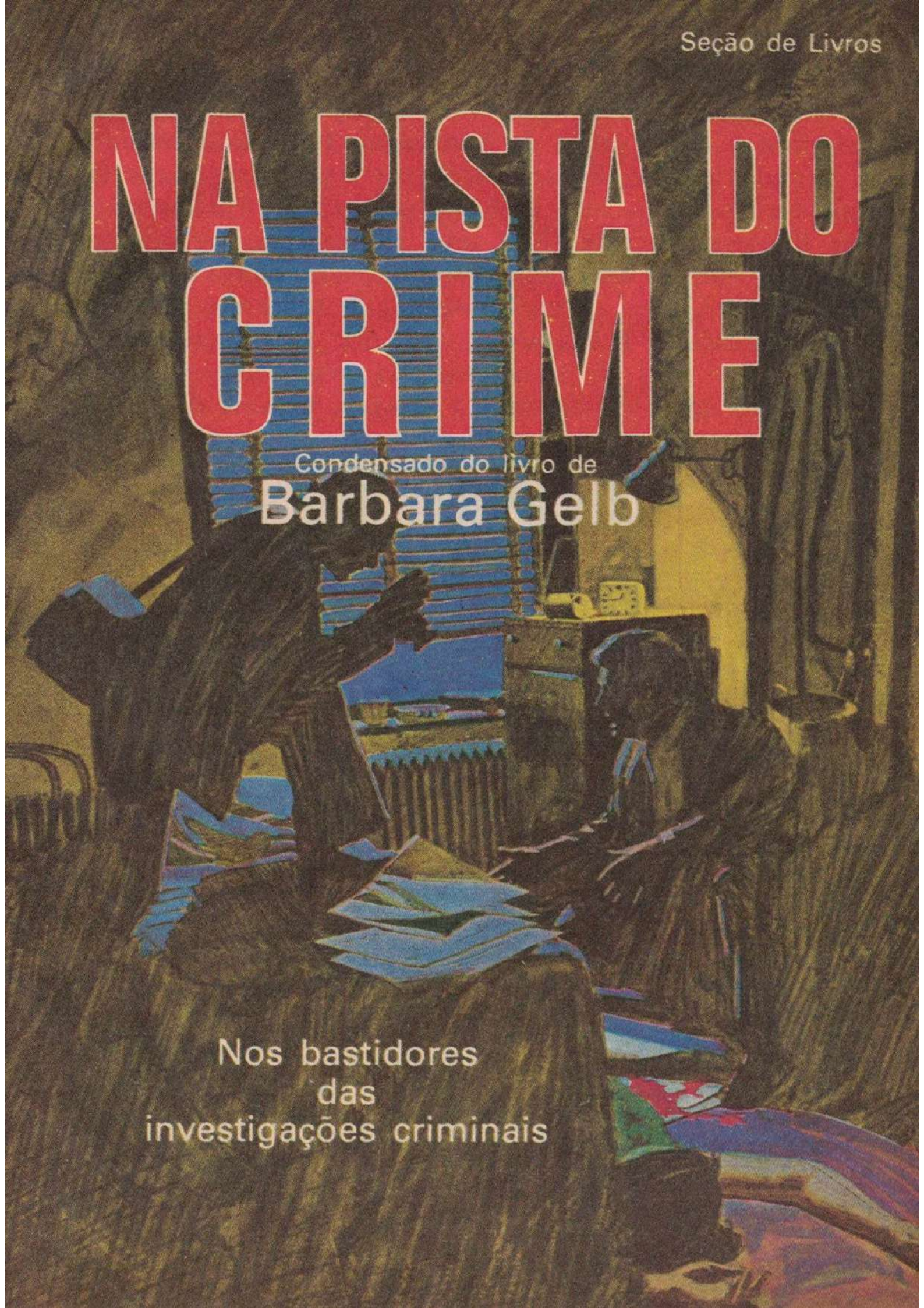
Seção de Livros

NA PISTA DO CRIME

Condensado do livro de

Barbara Gelb



Nos bastidores
das
investigações criminais

O investigador Jerry McQueen só pegava casos difíceis. Para isso é que a seção de homicídios tinha sido criada – uma unidade especial para investigar assassínios, numa cidade onde ocorrem mais de 1.500 anualmente. Para escrever esta história, Barbara Gelb teve amplo acesso e contato próximo, durante dois anos, com o trabalho diário dos auxiliares de McQueen – uma oportunidade única nos anais do Departamento de Polícia de Nova York. Este livro dá uma visão real e viva de uma arriscada profissão em que o perigo está sempre à frente e a morte é matéria de rotina.

NA PISTA DO CRIME

Barbara Gelb

TAL como muitos nova-iorquinos, também o investigador Gerald McQueen tinha uma dupla visão da cidade em que vivia e trabalhava. Embora apreciasse particularmente sua vida frenética e variada, não podia deixar de sentir o caráter sórdido de muitas situações. Partilhava o sentimento geral dos nova-iorquinos de estarem nadando contra uma corrente de desespero.

McQueen conhecia melhor do que qualquer outro habitante de Nova York o lado sórdido da cidade. O assassínio era a revelação mais cabal daquela sordidez e ele lidava diariamente com esses casos.

Ao meio-dia de terça-feira, 24 de abril de 1973, McQueen recebeu ordem de «voar» para o hotel Hudson View, que ficava situado no West Side de Nova York, onde, 45 minutos antes, uma das empregadas da limpeza tinha encontrado o cadáver mutilado de uma mulher, a hóspeda Maria Romano.

Aquele era o 495.º homicídio registrado pela Polícia, desde o início do ano. A estatística se mantinha ao mesmo nível de 1972, em que se verificou um total de 1.691 assassínios. Em 1962, só houve 508, mas no decorrer de 1970 o número já havia atingido 1.117.

CONDENSADO DE «ON THE TRACK OF MURDER». COPYRIGHT © 1975 DE BARBARA GELB

A polícia de Nova York, com um ativo de 31 mil homens, pouco podia fazer para evitar esse impressionante aumento. Cerca de metade dos homicídios eram cometidos no interior das casas, sendo praticamente impossível seu controle; além disso, a arma utilizada mais freqüentemente era o revólver comum, de preço bastante acessível, que qualquer pessoa podia comprar.

Pior ainda, o número de assassínios desvendados (os que acabavam em prisão) tinha baixado de 90%, em 1962, para apenas 56,5%, em 1972. Em Manhattan, as estatísticas eram ainda mais dramáticas do que nos outros bairros de Nova York. Lá, tinham sido cometidos 661 assassínios em 1972, dos quais 301 (cerca de 45,5%) ficaram impunes.

Num esforço para reprimir essa situação, o Setor de Investigação criou em janeiro de 1973 uma unidade experimental, a Força-Tarefa de Homicídios de Manhattan. As outras seções de homicídios tinham permanentemente sob sua jurisdição setores específicos da cidade. Já a força-tarefa teria ampla liberdade de movimentos em toda Manhattan e poderia se dar ao luxo de cuidar de um caso pelo tempo que julgasse necessário. (Tecnicamente, nenhum caso de assassínio não desvendado vai para o arquivo, mas na realidade qualquer caso é abandonado se não for resolvido dentro do prazo de aproximadamente um mês.)

Quando Jerry McQueen foi incumbido de criar e comandar essa força-tarefa experimental, teve consciência de que era algo que tanto podia promover quanto arruinar sua carreira – e, de fato, os dois primeiros casos com que lidou eram praticamente insolúveis. Nada daqueles mistérios das histórias policiais, em que o detetive tem de escolher entre sete convidados de uma festa e o mordomo, todos suspeitos. Em Nova York, os assassínios raramente são planejados com cuidado ou executados com perícia. Desses, 70% são cometidos sob forte emoção, por amigos ou familiares das vítimas; quanto aos restantes 30%, muitas vezes não há ligação aparente entre a vítima e o assassino.

A caminho do hotel Hudson View, nessa terça-feira de abril, McQueen pensava na pouca sorte que vinham tendo os seus ajudantes, e tinha dúvidas se eles seriam capazes de resolver um caso qualquer.

O hotel, um edifício de cantaria, de oito andares, era um antigo prédio de apartamentos, convertido em pequenas habitações de um e dois quartos. Antes de entrar no *hall,* McQueen esquadrinhou a fachada do edifício, para ver se descobria rostos nas janelas. Geralmente, as vizinhas bisbilhoteiras passam a vida na janela e, por vezes, observam algo que mais tarde pode ser útil para as investigações, mas, em Hudson View, as janelas não tinham ninguém.

Um jovem policial fardado estava sentado numa cadeira de madeira à porta do quarto 5H; acabara de ver o cadáver mais barbaramente mutilado de toda a sua carreira e ficara muito impressionado. McQueen entrou no quarto, rezando intimamente para que não tivessem mexido em nada. Acreditava firmemente na importância de observar a cena do crime em seu estado original e não confiava nas descrições de outros, por mais detalhadas e técnicas que fossem.

Desta vez, chegara tarde de mais. O corpo tinha sido fotografado e sua posição levemente alterada. McQueen dissimulou a irritação e começou o exame. Os peritos de medicina legal tentariam precisar a hora da morte, mas o estado do corpo mostrava claramente que a mulher tinha sido assassinada havia pelo menos 24 horas; certas zonas da pele já tinham um tom cinzento-escuro; o rosto estava intumescido e cheio de equimoses. O assassino queria algo mais que provocar a morte; a mulher havia sido torturada. Pedaços de pano, talvez usados como mordaça, enchiam-lhe a boca. Tinha sido apunhalada várias vezes na garganta e no tronco com uma tesoura; além disso, fora queimada com cigarros e violada com um pedaço de cabo de vassoura.

McQueen serviu-se do telefone do *hall* para ligar com a perícia, cujo pessoal deveria recolher impressões digitais, amostras de sangue, verificar a existência de indícios de sêmen e recolher alguns objetos para análise de laboratório. Requisitou o datiloscopista mais experiente e outro fotógrafo, de modo a poder conduzir pessoalmente a tomada de fotos a cores.

Em seguida, começou a reunir os auxiliares. Um caso novo e a possibilidade de trabalhar nele desde o princípio eram fatores que iriam encorajá-los.

Afáveis e ríspidos

Aos 36 anos, casado e pai de duas crianças, McQueen vive em paz consigo mesmo e com o mundo. Tem o rosto quadrado, com malares salientes e uma funda covinha no queixo. Sua combatividade é amenizada pelos olhos castanho-claros, pensativos e muitas vezes raiados de vermelho pelas noites sem dormir.

Sua linguagem é ríspida e repleta de gíria como a da maioria dos detetives de Nova York.

Ao selecionar os elementos de sua força-tarefa mostrara idéias claras sobre aquilo que pretendia; assim, uns eram corteses, outros ríspidos; alguns tinham sido seus colegas e ele conhecia suas qualidades; outros haviam sido recomendados por elementos da polícia cuja experiência e discernimento ele respeitava.

Por ocasião do caso Maria Romano, tinha apenas 12 homens sob suas ordens. Chefes de família, com idades entre 33 e 54 anos, pertenciam quase todos à baixa

classe-média de Nova York, tendo completado o curso secundário. Haviam servido em diversas corporações de polícia, por períodos de 7 a 26 anos, e muitos tinham um ou mais parentes policiais. Havia sete de ascendência irlandesa, três negros, um italiano e outro meio judeu meio irlandês. Três tinham curso universitário e todos queriam melhorar de categoria. O próprio McQueen dava o exemplo não apenas fazendo mais um curso todos os anos, como freqüentando periodicamente seminários internos ou estudos de criminologia.

Os detetives devem andar sempre armados, mesmo não de serviço, mas nenhum dos homens de McQueen jamais havia baleado alguém, embora tivessem já feito prisões de arma em punho, e alguns, inclusive o próprio McQueen, houvessem disparado para o ar. Na realidade, até detestam puxar o revólver. Quando se puxa a arma, diziam, deve-se estar preparado para atirar, e é quase certo que se acaba *mesmo* atirando.

Muitos dos homens de McQueen consideravam ridículas a simplicidade das situações e a atmosfera novelesca dos filmes policiais da televisão, mas quase todos achavam que exerciam uma profissão emocionante.

CHAMADOS por McQueen ao hotel Hudson View, os homens iniciaram um «levantamento», que consistia em bater às portas das casas e interrogar os moradores – ponto fundamental de qualquer investigação importante de um homicídio. Este trabalho pode levar dias e até semanas, mas é dessas investigações que emerge a personalidade da vítima e, eventualmente, a identidade do criminoso.

No Hudson View, os policiais fizeram uma lista do pessoal (arrumadeiras, carregadores, empregados), bem como dos ocupantes dos quartos do andar onde Maria habitava. Às quatro da tarde, voltaram a reunir-se. Nenhum dos interrogados até aquele momento se lembrava de ter visto Maria desde a última sexta-feira – quatro dias antes da descoberta do corpo. McQueen, porém, encontrara no quarto dela um vespertino de sábado. Alguém o tinha levado para lá (se não a própria Maria, então o possível assassino), e a existência desse jornal parecia situar o momento da morte entre a tarde de sábado e a manhã de segunda-feira. Os interrogatórios demonstraram também que grande parte dos residentes no hotel sabiam algo da história da tesoura, do cabo de vassoura e das queimaduras – detalhes que McQueen ansiosamente desejava manter ignorados de todos.

A polícia tinha boas razões para reter tais informações. Por um lado, porque não desejava causar à família da vítima sofrimentos desnecessários, mas principalmente porque queria manter em segredo certos detalhes, a fim de

utilizá-los para desmascarar falsas testemunhas. Esta atitude é igualmente útil durante os interrogatórios dos suspeitos, para testar suas reações em face de um ou dois fatos desconhecidos do público.

Quanto ao Hudson View, o problema era que nele moravam inúmeros indivíduos excêntricos, qualquer deles capaz de cometer homicídio. Richie Powers, antigo colaborador de McQueen no Bronx, não parava de repetir exasperado: «É incrível. *Todos* os indivíduos que vivem aqui são anormais.»

A primeira das suspeitas surgiu quando Thomas Rynne, de 38 anos, policial com 15 anos de carreira, grande amigo de McQueen, encontrou um certo indivíduo que admitiu ter sido «íntimo» de Maria, e que a havia visto no domingo à meia-noite. Rynne raras vezes perde a calma. Anunciou serenamente essa descoberta, embora se notasse um vislumbre de ansiedade em seus olhos.

Jogo perdido

COMO a força-tarefa não tinha instalações próprias, McQueen arranjou maneira de interrogar a testemunha Howard Demos numa sala de arquivos do 20.º Distrito. Demos, com quase 30 anos, era alto, magro, barbudo, e tinha cabelo ruivo encaracolado. Suas atitudes pareciam perfeitamente normais, embora ele tivesse dificuldade em controlar a respiração.

McQueen e Rynne fizeram-lhe perguntas em tom afável. Demos explicou que, no domingo à noite, ao passar pelo corredor à porta do quarto de Maria, ela lhe dera boa-noite.

«Era uma mulher atraente?»

«Como as outras. Estava longe de ser *meu* tipo. Prefiro moças mais bonitas. Basta ver Helena, minha namorada.»

«Helena?», indagou McQueen. «Helena de quê?»

«Deixa a Helena pra lá», respondeu Demos.

McQueen, porém, ficara bastante interessado. Demos estaria vindo de um encontro com Helena, quando cruzou com Maria no patamar?

«Sim? Não?» Demos teve que pensar cuidadosamente. «Olhem», disse, «não metam a Helena nisso. Estive com ela durante toda a tarde. Depois levei-a em casa e fui a um bar perto da Broadway. Lá fiquei até cerca da meia-noite.»

Demos continuava com a respiração difícil, e isso, mais do que tudo que dissera, interessava especialmente a McQueen. Como o homem estivesse visivelmente nervoso, McQueen deixou de «apertá-lo» por mais tempo. Empurrou bruscamente a cadeira para trás, pôs-se de pé e encaminhou-se para a porta. Rynne fingiu não reparar.

Demos voltou a cabeça e perguntou: «Aonde é que ele vai?»

«Ele já volta», respondeu calmamente o investigador Rynne.

McQueen voltou ao fim de alguns minutos, acompanhado de Jim Porter, outro elemento do grupo. «Meu chefe quer falar com você», disse-lhe.

Porter tinha muito mais aspecto de chefe que McQueen, que estava sem gravata e com uma camisa esporte amarrotada. O colega, porém, trajava com esmero – um casaco de *tweed,* calça de flanela, camisa e gravata.

Porter limitou-se a repetir algumas das perguntas que McQueen e Rynne já tinham feito. Demos manteve sua história. A armadilha dos detetives não surtira efeito. Não havia mais perguntas. Demos foi dispensado.

No dia seguinte, no entanto, surgiu por acaso uma nova pista. Powers e Rynne foram procurar Demos em seu apartamento. Havia um monte de papéis e blocos de apontamentos em cima da mesa, e os policiais notaram no homem uma crescente inquietação quando Powers começou a folheá-los. Bruscamente, Demos tomou-lhe os papéis e atirou-os numa gaveta, mas Powers ainda teve tempo de ler os rabiscos da folha de cima. Era uma série de ameaças obscenas de violência sexual, quase uma cópia estereotipada do que tinha sido feito a Maria Romano.

Evidentemente que não havia maneira de saber quando é que Demos escrevera todas aquelas ameaças, mas elas, evidentemente, não deixavam de ser sugestivas.

A SEÇÃO reiniciou o levantamento no Hudson View e nos restaurantes das imediações. A namorada de Demos, Helena, foi chamada a interrogatório. Após alguns momentos de evasivas, ela iniciou um depoimento quase ininterrupto que durou cerca de 45 minutos. Pela sua narrativa, soube-se que Demos era um indivíduo violento que já lhe batera várias vezes, e certa feita lhe arrancara um punhado de cabelos.

Enquanto isso, os homens de McQueen tinham encontrado outro suspeito, também hóspede do hotel Hudson View. Tratava-se de George Weber, de 30 anos, motorista de caminhão. Declarou espontaneamente que conhecia Maria e que a levara várias vezes a bares próximos, mas os interrogatórios seguintes não conduziram a quaisquer pistas.

O cabo da vassoura quebrado havia sido mandado para a perícia. Agora, chegava o relatório: não tinham sido encontrados vestígios de tinta, impressões digitais, fios de tecidos, cabelos ou quaisquer outros indícios que permitissem associar o objeto com Maria ou seu assassino. Na verdade, muito raramente se encontram pistas elucidativas – e esta é uma das diferenças entre o trabalho do detetive real e o da ficção.

A vítima tinha levado uma vida tão confusa, envolvida em tantos encontros fortuitos, que não havia praticamente maneira de relacioná-la categoricamente com deter-

minada pessoa. O assassino tanto podia ter sido Demos como Weber, ou ainda qualquer outro que ela tivesse encontrado em algum bar das redondezas.

Ao fim de duas semanas, o instinto de McQueen segredou-lhe que o caso ficaria insolúvel, mas, apesar disso, ele continuaria evidentemente tentando encontrar a solução. No entanto, a não ser por uma confissão espontânea, não havia grandes esperanças de fazer prisões. «Nos livros e na televisão, quando um crime é cometido, o assassino é apanhado uma hora depois», dizia ele, «mas na vida real, infelizmente, a coisa não é assim.»

Como último recurso, McQueen disse aos assistentes que queria ver novamente Howard Demos a fim de tentar arrancar-lhe uma confissão. Não tinham provas concretas, contra ele, mas podiam fazer-lhe perguntas acerca dos estranhos papéis que tinham visto em seu quarto.

Demos foi posto diante da mesa de McQueen. Este puxou a cadeira e se colocou bem defronte de Demos, com os joelhos quase colados aos dele. Cordialmente, pôs a mão no ombro de Demos, olhou-o bem nos olhos e perguntou: «Você vai nos ajudar, não vai Howard?»

Em seguida, durante cerca de três horas, os detetives tentaram arrancar a confissão de Demos – sem resultado. Por fim, McQueen foi para trás da escrivaninha, pegou no cabo da vassoura utilizado no crime e atirou-o violentamente sobre a mesa. Depois, erguendo-se, inclinou-se sobre Demos e, com o rosto quase colado ao deste, rosnou-lhe: «Onde você encontrou este pau, Howard? Quando resolveu usá-lo?»

Demos ficou lívido. Agarrou-se aos bordos da cadeira, engoliu em seco e esforçou-se por falar: «Eu... eu... mas... que é isso?»

McQueen mencionou-lhe os apontamentos que ele tinha no quarto. «Você escreveu que tencionava mutilá-la e queimá-la e que, além disso, meteria este pau nela. Foi o que você fez, não foi?» McQueen gritava, e sua raiva era bastante convincente, mas Demos pôs-se de pé num salto e começou a gritar ainda mais alto. Não confirmou a acusação nem a desmentiu.

McQueen percorria o gabinete a passos largos. Não gostava do que tinha feito. Por fim, disse para os colegas: «Não deu certo.» Os detetives tinham perdido de novo.

Morte de um policial

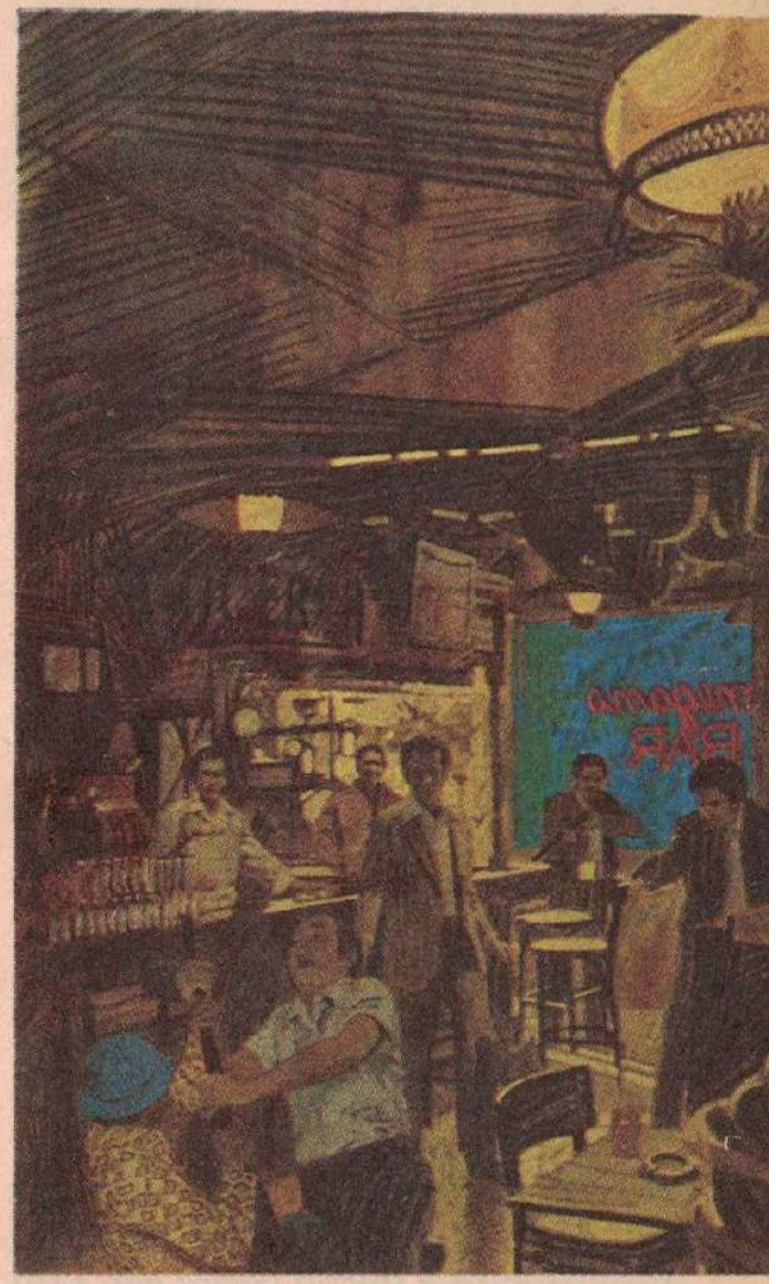
Às 5:30 da madrugada de sábado, 2 de junho, McQueen foi acordado pela campainha persistente do telefone. A chamada era feita por James Hannon, chefe da seção de detetives de Manhattan. Um jovem policial do 20.º Distrito tinha sido morto num bar, e Hannon queria que McQueen fosse com seus homens a fim de trabalhar imediatamente no caso.

McQueen deu vários telefonemas e pediu a alguns dos homens com quem conseguira falar que avisassem os companheiros. Jim Porter disse que a cerimônia de formatura de sua filha no colégio ia ser realizada nessa tarde e, porisso, pediu se podia aparecer depois, mas McQueen negou terminantemente.

Porter teve dificuldade em convencer sua mulher, Rose, a assistir à cerimônia sem ele. Quando o marido saiu, Rose chorava desconsolada. Como Kathleen McQueen (e, afinal, como todas as mulheres de policiais da força-tarefa, cujos maridos tinham sido chamados nessa manhã), Rose Porter também podia se imaginar esposa de um destemido patrulheiro; para ela, era relativamente fácil pôr-se no lugar da viúva do policial morto. As mulheres dos detetives da força-tarefa tinham-se habituado a viver com aquela angústia permanente.

O agente morto, Robert Laurenson, era o terceiro policial assassinado em Nova York em 1973. Ao chegar o fim do ano, cinco já seriam os homicídios desse tipo na cidade e 127 em todo o país.

Laurenson era casado, pai de uma menina de dois anos e estava na força-tarefa havia pouco mais de dois anos. Quando terminou sua ronda, já noite alta, na sexta-feira, 1.º de junho, convidou alguns companheiros para tomarem um drinque com ele. Dirigiu-se a



«Um homem de chapéu azul entrou no bar. Outros dois homens, um munido de pistola e outro de rifle de cano curto, estavam perto da porta, impedindo a saída»

um bar a um quarteirão do Lincoln Center; às duas da manhã, juntaram-se a ele John Fielding e John Hachadorian, ambos prestando serviço em sua unidade.

Eram quase três horas da madrugada quando um jovem de

chapéu azul de abas caídas entrou no bar. Apontando uma espingarda de cano curto, ordenou aos três detetives (que ele não sabia serem policiais) e aos outros fregueses que se deitassem no chão. Outros dois homens, um munido de pistola e outro de rifle de cano curto, estavam perto da porta, impedindo a saída.

«Qualquer pessoa que conheça um pouco de armas», diria depois Jim Grant, da seção de McQueen, «quando vê uma espingarda de repetição, tem respeito por ela. Vocês conhecem aquela velha frase dos filmes de caubóis: 'Vamos, dispare! Você não conseguirá matar todos!' Ninguém diz isso a um homem com uma arma dessas. Ninguém consegue escapar, se o camarada está próximo.»

Laurenson, no entanto, talvez por falta de experiência, procurou cobertura momentânea para poder tirar o revólver sem ser visto. O homem do chapéu azul notou esse movimento e saltou sobre ele. Um dos bandidos que estavam à porta disparou sobre o policial, mas errou. Laurenson ignorou-o e se voltou para o de chapéu, derrubando-o com um soco e lutando com ele para lhe tirar a arma. O marginal da porta avançou, e baleou Laurenson pelas costas. Os três pistoleiros correram para a porta e se puseram em fuga.

Fielding e Hachadorian perseguiram os criminosos, disparando. O de chapéu azul tropeçou e caiu, enquanto os outros dois se meteram num carro que os esperava, um Oldsmobile branco cujo motorista arrancou fazendo guinchar os pneus. O marginal que tinha caído levantou-se, correu para a esquina, pegou um táxi e desapareceu. Quando os dois policiais regressaram ao bar, foram encontrar Laurenson quase à morte.

O crime era daquele tipo de homicídios que, estatisticamente, têm apresentado mais probabilidades de solução. Em primeiro lugar, tinha havido mais de um cúmplice, o que tornava a fuga mais difícil; em segundo, havia várias testemunhas oculares; em terceiro, os ladrões tinham usado um automóvel na fuga, e um carro pode ser sempre localizado; em quarto, a arma do crime fora uma pistola, e a bala que matara Laurenson podia ser extraída e depois analisada; finalmente, em quinto, os assassinos eram criminosos fichados e com *modus operandi* característico. Além de tudo, sendo profissionais do crime, tinham certamente amigos também com ficha na polícia, os quais seria possível localizar e obrigar a falar.

Na realidade, quase todos estes fatores eram fundamentais para a solução do caso, embora isso exigisse os esforços congregados de McQueen e sua equipe e de outros 70 a 70 detetives expressamente designados para tal. A primeira pista surgiu quatro dias depois, quando encontraram o carro utilizado na fuga. Seus três ocupantes, interrogados, começaram a contar

histórias diferentes sobre o carro «emprestado». Durante algumas horas, mantiveram as respectivas versões, mas McQueen estava disposto a levar o dia inteiro com eles, se fosse necessário. Finalmente, o detetive disse-lhes que o carro estava relacionado com a morte de um policial; foi o bastante para fazer falar os suspeitos, dando os nomes de seis outros jovens que, segundo eles, tinham usado o carro para roubos. Os novos suspeitos, por sua vez, estavam aflitos para se livrarem da hipótese de homicídio e, voluntariamente, revelaram quantos nomes sabiam, bem como o endereço de um apartamento na Rua 139.

Neste ponto, os detetives já tinham constatado que estavam lidando com uma dezena ou mais de delinqüentes, muitos dos quais se conheciam uns aos outros apenas pelos nomes de guerra e que se reuniam em grupos quando surgia oportunidade de assaltar um bar. Realizavam seu trabalho com tanta displicência que alguns deles nem se lembravam sequer quem tinham sido seus companheiros em determinada operação. Parecia nunca lhes ter ocorrido que um roubo pudesse, mais cedo ou mais tarde, acabar em homicídio.

No endereço da Rua 139, McQueen e Rynne, usando coletes a prova de bala, e dois outros detetives com idêntica proteção e munidos de rifles, subiram apressadamente as escadas e bateram à porta do apartamento. Veio abrir uma mulher que trazia ao colo uma criança e que os deixou entrar. Um dos suspeitos já identificados encontrava-se no interior da casa. Durante o interrogatório, revelou o nome do motorista do carro que permitira a fuga na noite do crime. Daí a pouco, o homem foi preso, levando os detetives a localizar o bandido de chapéu azul.

Na delegacia, novos interrogatórios posteriores vieram a revelar mais dois nomes, um dos quais o do presumível assassino. Ambos viviam em Spartanburg, Carolina do Sul. McQueen designou dois detetives para contactarem a polícia de Spartanburg e, assim, foi lançado um alerta geral no país inteiro para captura dos marginais.

Eram quatro da tarde de quinta-feira 7 de junho. Havia 36 horas que McQueen não descansava, e estava esgotado – mas sentia-se eufórico também, porque sabia que a captura do último suspeito era agora uma questão de tempo. (De fato, o homem viria a ser preso na semana seguinte.) A seção de McQueen tinha ajudado a desvendar o assassínio de um policial... em apenas cinco dias.

Esposas e preocupações

O PRIMEIRO caso a ser resolvido pela força-tarefa de homicídios de Manhattan não podia passar em branco, de modo que a seção organizou um jantar num restaurante do Brooklyn, ao qual compareceram todos, acompanhados

das mulheres. Tinha sido idéia de Jim Porter; fora ele quem organizara os preparativos.

O restaurante era bastante popular entre a polícia, mas Porter inventou uma série de piadas em que o retratava como antro de marginais. McQueen tinha convidado James Hannon, chefe dos detetives do distrito de Manhattan, e sentiu certa apreensão ao ver que as piadas de Porter o chocavam.

As apresentações foram um pouquinho frias e as mulheres olhavam umas para as outras com reservas. Rose Porter e Lillian Grant, porém, logo se puseram a conversar. Durante meses, tinham ouvido os respectivos maridos, que trabalhavam juntos, falar de uma e de outra, e estavam ansiosas por se tornarem amigas.

Rose e Lillian partilhavam do mesmo interesse que as demais esposas dos outros policiais da seção pelo trabalho dos maridos. O número de casamentos fracassados na classe dos detetives é elevado. Horários irregulares, a angústia da espera, a frustração de férias separadas, compromissos sociais desfeitos, a falta do pai durante a doença ou acidente de um filho – tudo isso exercia pressão insuportável sobre os casais.

As mulheres dos detetives enfrentavam igualmente a angústia da suspeita. Uma delas tivera que lutar contra o desprezo e os olhares indiferentes de algumas vizinhas, quando o marido, graças a terríveis economias, havia conseguido comprar um carro novo. «Sabia muito bem o que elas pensavam», queixava-se amargamente.

À medida que a noite avançava, os homens iam falando de seus casos profissionais recentes. Enquanto decorria a festa para comemorar a resolução do caso Laurenson, eles falavam mais dos crimes não desvendados porque sempre nutriam o persistente sentimento de que, de algum modo e em algum lugar, poderiam ter menosprezado o único detalhe vital que poderia levá-los à solução.

Por volta das duas da manhã, veio à tona um assunto de interesse geral. O comissário de polícia tinha anunciado a reorganização do departamento de detetives. Alguns homens prediziam com pessimismo que essa atitude era o primeiro passo para a eliminação do próprio departamento e que os detetives seriam afetados.

Era também perfeitamente possível que a força-tarefa fosse dissolvida em outubro. McQueen estava pensando em continuar a trabalhar com sua seção pelo menos por dois anos, mas agora parecia-lhe que sua demissão iria ocorrer dentro de três meses. Enquanto continuava dizendo a si próprio que sempre desempenhara corretamente suas funções, McQueen não podia deixar de sentir-se desencorajado. Embora Hannon não tivesse exercido quaisquer pressões sobre ele, devia estar desapontado com a falta de resultados.

Um cadáver em Highbridge Park

BEATRICE Anderson não era vítima de homicídio. Tinha 57 anos e vivia pacificamente com o marido em Queens (no extremo ocidental de Long Island). Mulheres brancas, casadas, de meia-idade, pertencentes à classe média, constituem, em termos estatísticos, a menor percentagem de vítimas de homicídio.

Na segunda-feira, 11 de junho de 1973, um pouco depois das 4:30 da tarde, Beatrice Anderson entrou com o carro no pátio de estacionamento de um grande estabelecimento em Long Island, e encostou-o perto de um velho Buick sedan. O ocupante deste, Eugene O'Toole, de 24 anos, tinha a aparência de um jovem marido que estivesse à espera da mulher nas compras, mas, na realidade, ele tinha ido ao pátio com intenção de roubar. Olhou com interesse para o vistoso carro da Sra. Anderson e reparou no reluzente anel de diamantes que ela usava. Tomou-a por uma mulher rica.

O'Toole esperou. Em menos de uma hora, a Sra. Anderson regressava. Não havia ninguém à vista. O'Toole saiu do automóvel, sacou de uma pistola e obrigou-a a sentar-se no lugar ao lado do motorista, no carro dela. «Quietinha!», ameaçou.

Quando o carro saiu, O'Toole, com a mão livre, arrancou-lhe a bolsa e dela retirou 75 dólares – que era todo o dinheiro que nela havia. Aí, a Sra. Anderson entrou em pânico e cometeu um erro fatal. Disse a O'Toole que, se ele não a maltratasse, lhe daria mais dinheiro. O cérebro lento mas astuto de O'Toole elaborou logo um plano: por que não usá-la como refém para obter resgate?

O'Toole levou a Sra. Anderson para a casa de um amigo, onde arranjou um pedaço de corda. Tirou-lhe todas as jóias, atou-lhe as pernas e os pulsos, amordaçou-a e, com a ajuda do amigo, meteu-a na mala do carro da própria vítima.

Em seguida, O'Toole telefonou ao cunhado, John Wojcik, e naquela tarde os dois homens se encontraram num pátio de estacionamento da área de Highbridge, na parte norte de Manhattan, perto do apartamento de Wojcik. O'Toole contou ao cunhado o que fizera e sugeriu que este fosse buscar sua câmara e fotografasse a Sra. Anderson; depois, ambos tentariam obter um resgate. Wojcik tirou duas fotos Polaroid da vítima na mala do carro, com O'Toole apontando a arma para a cabeça da vítima.

Em seguida, no apartamento de Wojcik, os dois elaboraram um plano extremamente ingênuo: juntariam um bilhete à foto e mandariam tudo pelo correio ao marido da Sr. Anderson, com instruções para que jogasse 50 mil dólares do alto de um trem para a rua que passava embaixo. Mais tarde,

O'Toole disse que ia levar a Sra. Anderson para um esconderijo, mas Wojcik se opôs, visto que ela podia identificar o cunhado. «Temos que nos livrar dela», disse Wojcik. «Encarregue-se disso.»

Nessa noite, O'Toole levou a vítima para uma praia deserta. Quando a retirou da mala do carro, a Sra. Anderson já estava quase morta de sede, terror e esgotamento, meio inconsciente. O'Toole serviu-se do lenço com que a amordaçara para lhe vendar os olhos. Em seguida, alvejou-a na nuca. A dentadura dela, como O'Toole relatou mais tarde, saltou-lhe da boca e se enterrou na areia.

O assassino carregou de novo a mulher para o porta-malas e, na noite seguinte, juntamente com Wojcik, enterrou o cadáver numa cova rasa numa área arborizada ao norte do apartamento deste último, utilizada como lixeira e coberta de detritos. No dia seguinte, abandonaram o carro da Sra. Anderson, que seria encontrado quatro dias mais tarde pela polícia e identificado como pertencendo à vítima. Nesta ocasião, ela já estava sendo procurada como desaparecida e não como vítima de homicídio. (O pedido de resgate não chegara a ser enviado, principalmente porque O'Toole ficara tão nervoso que queimara todas as fotografias.)

No dia 1.º de junho, O'Toole foi preso quando roubava num supermercado. Na prisão, cometeu o erro de contar pormenores do crime a outro recluso, Dennis Leahy, que conhecera alguns anos antes. Este era o quarto indivíduo, além de Wojcik, a quem O'Toole tinha relatado parte da história ou toda ela. Era quase como se, deliberadamente, estivesse deixando uma pista. Leahy, querendo cair nas boas graças para obter clemência, imediatamente contou uma versão adulterada do assassínio aos dois detetives que o haviam levado à prisão. Estes não tinham ouvido falar de nenhum crime que se ajustasse à história de Leahy, pois não havia até então qualquer registro de tal homicídio. Apesar disso, guardaram a história para si.

A 14 de julho, o cadáver foi encontrado em Highbridge Park. A chuva tinha arrastado quase toda a terra que o cobria. Por mera rotina, o Tenente Richard Gallagher da 5.ª Seção de Homicídios enviou a descrição do corpo ao departamento de pessoas desaparecidas, que identificou o cadáver e em seguida avisou a filha da Sra. Anderson. Esta não teve dúvidas em fazer o reconhecimento.

Quando McQueen soube disso, procurou o chefe Hannon e obteve autorização para colaborar na seção de Gallagher.

Este insistia com os detetives que a chave do problema estava no local onde o corpo fora encontrado. Uma mulher, que morava no outro extremo da cidade, e raramente vinha a Manhattan, que estaria fazendo naquela zona?

Foi então que um dos detetives, a quem Dennis Leahy tinha confidenciado a história de O'Toole sobre o assassínio, estabeleceu a ligação. Dois detetives da seção de Gallagher foram falar com Leahy. Por este, souberam que Eugene O'Toole tinha sido solto sob caução três dias antes. Prosseguindo as investigações, descobriram que a importância da caução tinha sido paga pelo cunhado do preso que, por coincidência, também residia na área de Highbridge Park, em Manhattan.

Os detetives não tiveram sequer que fazer deduções; o problema estava resolvido por si. «Eu sabia que o local onde o corpo foi encontrado daria a solução para o caso», dizia o Tenente Gallagher. «Tínhamos O'Toole, que vivia em Queens, tal como a vítima, e ainda o cunhado, que morava perto de Highbridge Park, onde o corpo foi encontrado.»

O verdadeiro trabalho, porém, aquele tipo de tarefa que a maioria dos homicídios urbanos exige, mal havia começado. Sabendo que O'Toole e Wojcik deviam ser os assassinos, os detetives agora tinham que lhes armar a rede, reunir provas que justificassem a prisão e formar um processo que fizesse fé em tribunal.

«Eu conto tudo»

O Tenente Gallagher encarregou McQueen da fase seguinte da investigação. Este queria armar um laço para O'Toole – e Leahy, o amigo e companheiro de prisão que o tinha denunciado, estava disposto a servir de isca, em troca da promessa de uma diminuição da pena.

O plano era soltar Leahy e fazer com que ele atraísse O'Toole para um quarto de motel, a fim de celebrarem a libertação daquele. Ali, sob ação de bebidas e por meio de perguntas insidiosas, Leahy arrancaria de O'Toole confissões incriminatórias. Num outro quarto, McQueen estaria gravando a conversa.

As coisas, porém, não correram precisamente como foram planejadas. Leahy e O'Toole entraram no quarto do motel conversando amigavelmente. Durante alguns minutos, a conversa se concentrou na sorte de Leahy em ter sido libertado, por seu bom comportamento, antes de cumprida a pena, mas nisto os detetives ouviram este perguntar: «Que é que você está fazendo? A voz de O'Toole enfraquecia, como se ele andasse passeando pelo quarto. Agora, ouvia-se mais nitidamente: «Você sabe, muitos lugares como este têm aparelhos de escuta.»

Pelo que os detetives puderam perceber, Leahy não soube reagir, e recearam que ele estragasse tudo.

Finalmente, O'Toole pareceu se acalmar, e Leahy aproveitou a oportunidade para perguntar: «Escute aqui! Que é que você queria me contar na prisão a respeito daquela mulher que você matou?»

«Ah!», disse O'Toole. «Saiu no jornal. Ela foi mesmo encontrada.»

No quarto ao lado, os detetives estavam cada vez mais ansiosos. O'Toole continuou: «Mas eu não quero falar disso. Pode haver aqui microfones.»

Durante uma hora e meia, no entanto, embora O'Toole nunca dissesse nada absolutamente específico que tivesse interesse para os detetives que escutavam, voltava sempre ao assunto do crime. «Meu cunhado estava comigo», disse a dado momento. «Ele não teve coragem, de modo que eu é que tive de alvejá-la na cabeça.»

Os detetives pretendiam que O'Toole explicasse como conhecera a Sra. Anderson, por que razão a matara, por que a tinha amarrado e enterrado, mas Leahy não sabia como fazer as perguntas que lhe foram indicadas.

Embora os detetives não tivessem ainda as provas que esperavam obter, acreditavam ter já as suficientes. Se demorassem mais, O'Toole poderia se apavorar e fugir. «A primeira coisa a fazer, amanhã de manhã, é prendê-lo», propôs McQueen a Gallagher, que concordou.

Os detetives esperavam conseguir confissões completas, quer de O'Toole, quer de Wojcik, ao pô-los perante os fatos conhecidos ou suspeitos. Uma confissão, se pormenorizada, podia indicar o caminho para a obtenção das provas essenciais. As confissões, em si, não são suficientes para a denuncia. Um suspeito pode a qualquer momento negar sua confissão, alegando, por exemplo, que foi coagido a admitir a culpa. Se ele se retratar, a confissão não pode ser usada para condená-lo. Por conseguinte, para instaurar um processo contra um assassino, os detetives precisam procurar provas circunstanciais.

Os dois suspeitos foram presos, e assim começou um verdadeiro duelo. Wojcik, o cunhado, começou por dizer que não sabia de nada, mas finalmente acabou por perguntar que aconteceria a uma pessoa que apenas tivesse ajudado a enterrar um cadáver. Que problemas isso poderia acarretar? Garantiram-lhe que o caso era considerado crime simples.

Na realidade, os detetives estavam convencidos de que a participação de Wojcik era bastante mais ativa, e esperaram que dissesse algo que os levasse a concluir que a Sra. Anderson ainda estava viva quando ele a vira pela primeira vez e soubera do seqüestro. Nesse caso, teria sido cúmplice, tanto neste crime como no homicídio.

Os investigadores precisavam de mais argumentos, e foram interrogar O'Toole.

Todos achavam que este era um homem perseguido pelo medo e pelos remorsos, que estaria prestes a confessar tudo, mas ele não respondeu às primeiras perguntas. Então, um dos detetives pegou algumas fotos do cadáver da Sra. Anderson e colocou-as na mesa,

voltadas para baixo, sob o cotovelo de McQueen. Este pegou nelas como se fossem cartas de baralho, segurando-as junto ao peito, e, escolhendo a mais sinistra, chegou-a junto do nariz de O'Toole.

«Você conhece esta mulher?», perguntou.

O choque emocional foi demasiado para O'Toole. Desta vez, as coisas se passaram como no cinema. O homem desatou a chorar.

«Tirem isso daqui!», soluçava. «Eu conto tudo que vocês quiserem, mas por favor não me obriguem a ver essa foto outra vez.»

COM a confissão de O'Toole, os detetives já tinham as provas necessárias. Encontraram a arma do crime e localizaram várias testemunhas que tinham ajudado em alguma fase do crime, ou a quem O'Toole o tinha contado. Em qualquer hipótese, O'Toole confessava-se sempre culpado, mas as acusações contra Wojcik eram inconsistentes, e este continuava a dizer que estava inocente de qualquer cumplicidade no seqüestro e no assassínio. Além disso, afirmava-se que seu advogado iria alegar que seu constituinte não tinha sido informado dos direitos que lhe assistiam segundo a Lei Miranda.

Era uma provocação. A Lei Miranda, promulgada pela Suprema Corte dos Estados Unidos, a 13 de junho de 1966, tornava obrigatório que qualquer pessoa sob custódia fosse imediatamente avisada de seu direito de não responder às perguntas e de requerer um advogado para assistir aos interrogatórios. Antes dessa lei, o preso não tinha qualquer garantia contra o fato de ser mantido incomunicável na polícia, ou ser interrogado pelos métodos que esta achasse convenientes. Embora alguns policiais afirmassem publicamente não exercer qualquer tipo de coação na obtenção das confissões, os mais honestos admitiam que, antes dessa lei, muitas vezes recorriam à agressão física e a outras formas de coação. Interessante foi que, logo depois da Lei Miranda, a percentagem de homicídios esclarecidos começou a diminuir drasticamente em Nova York.

Os detetives das seções de homicídios tiveram que desaprender o método da confissão e começar a aprender melhores técnicas de investigação. Uma análise de dados estatísticos mostra que esse processo durou até 1973, quando a percentagem de crimes desvendados subiu para 69,4%; no ano anterior, tinha atingido o índice mínimo de 56,7%.

Apesar de suas contínuas negativas e da tática do advogado para emperrar o processo, um júri considerou Wojcik culpado de homicídio em primeiro grau, a 19 de abril de 1974. Ele e O'Toole foram condenados a 15 anos de prisão.

A cena do crime

DURANTE os primeiros três meses de 1974, sem qualquer motivo

aparente, a taxa de homicídios diminuiu um pouco em Nova York. A seção trabalhava em casos mais simples e na organização de arquivos. McQueen se sentia um pouco desocupado – talvez uma equipe de peritos em investigação criminal não fosse realmente necessária.

Os três meses seguintes, porém, foram agitados. Surgiram quatro casos que apelaram para a competência, a versatilidade e a determinação de toda a seção. Era um ponto decisivo para McQueen e seus homens – uma prova cabal de que a força-tarefa era verdadeiramente necessária. Três dos assassínios envolviam uma categoria especial de criminosos urbanos: os delinqüentes juvenis.

Os criminosos juvenis (classe que está proliferando em Nova York) operam praticamente como os profissionais. Possuem modos específicos de agir e suas próprias áreas de atuação e, tal como muitos de seus companheiros mais velhos, operam em grupos de dois, três, quatro ou mais elementos que as *gangs* permutam entre si. Raramente hesitam em agredir com paus ou facas as pessoas que oferecem resistência e, se a vítima vem a morrer alguns dias depois em virtude da agressão, eles muitas vezes nem sequer tomam conhecimento.

Os três primeiros casos com jovens consumiram de uma a nove semanas e meia para serem solucionados, obrigando a longos dias de investigações, na tentativa de encontrar a *gang* certa de jovens de cada um dos crimes. Duas das vítimas eram mulheres, uma das quais bastante idosa; a terceira foi um homem que havia sido espancado até a morte, quando andava de bicicleta pelo Central Park.

O QUARTO caso entregue a McQueen naquela primavera revelou-lhe um dos mais sinistros e confusos cenários de crimes que o detetive já encontrara.

Quando nem Yoshiko Oshita nem Kino Motosugi compareceram nos respectivos empregos, na quarta-feira 10 de abril de 1974, ambos os patrões telefonaram para um hotel da Broadway, onde viviam as duas mulheres. Era uma casa-de-cômodos, ocupada pela habitual promiscuidade de trabalhadores, viúvas e viúvos vivendo de modestas pensões fixas, aposentados da previdência social e o inevitável mundo de prostitutas e drogados.

A Sra. Oshita, viúva de 62 anos, tinha uma filha casada. Só falava japonês e trabalhava num restaurante da mesma nacionalidade. Kino Motosugi era uma atraente solteirona de 49 anos, com formação universitária e contadora da Japan Food Corporation, uma firma que fornecia a restaurantes. Os amigos norte-americanos, que tinham dificuldade em pronunciar seu nome, chamavam-na de Pat.

Na quinta-feira, os patrões das duas japonesas telefonaram de novo. Finalmente, no dia seguinte,

o gerente do hotel subiu para indagar o que havia acontecido.

O que viu no quarto da Srta. Motosugi obrigou-o a sair às pressas, certificando-se de que a porta tinha ficado bem fechada. Chamou a polícia. Gallagher foi avisado às oito horas da noite, e se dirigiu para o hotel, acompanhado de um sargento e dois detetives.

O quarto 1.222, onde Pat Motosugi vivia, parecia um caos. Móveis e abajures estavam tombados, a cama revolvida e o colchão meio caído. Havia utensílios de cozinha espalhados pelo chão. As bolsas tinham sido remexidas.

Perto da cama e parcialmente coberto por uma colcha estampada estava o cadáver da anciã, Yoshiko Oshita. Uma meia, que fora utilizada como mordaça em sua boca, estava tão apertada que lhe arreganhava o rosto numa careta horrorosa; outra vendava-lhe os olhos; uma terceira meia tinha sido enrolada em volta do pescoço e, sobre ela, fora torcido um pedaço de fio elétrico com nós; uma quarta atava-lhe os pulsos atrás das costas.

Pat Motosugi estava de bruços no banheiro. Suas mãos haviam sido amarradas atrás das costas com um sutiã, e os tornozelos estavam atados com uma meia; um suéter fora enrolado em volta do pescoço. Sobre tudo isso, amarraram um pedaço de fio elétrico com mais de dois metros, que vinha esticado desde o pescoço e passava por cima do cano da cortina do banheiro, ao qual estava amarrado.

Embora o apartamento fosse todo revistado pelos assassinos e as bolsas de ambas as mulheres estivessem vazias, o modo como tinham sido atadas, amordaçadas, vendadas e vítimas aparentes de estrangulamento era muito mais do que teria sido necessário para subjugar duas mulheres, se fosse um simples assalto. Um motivo mais forte (vingança ou ciúme) tornava-se evidente.

Na segunda-feira seguinte, McQueen foi designado para a tarefa. Ele e Gallagher tinham se desempenhado muito bem no caso de O'Toole e Wojcik, mas ambos se sentiam desiludidos pelo desleixo do trabalho da perícia.

Uma foto do local do crime mostrava num canto do quarto o que parecia ser um sapato de homem colocado sobre uma pequena cômoda. Gallagher não se lembrava de tê-lo visto e estava certo de que uma prova dessas não lhe teria passado despercebida. O mesmo sapato aparecia em outra foto. Gallagher e McQueen constataram que o fotógrafo da perícia tinha pegado seu próprio pé.

Havia também o problema das impressões digitais. O relatório da perícia dizia não terem sido encontradas impressões, mas Gallagher e McQueen achavam que isso era simplesmente impossível. Podia não haver quaisquer impressões dos criminosos, mas tinham de existir uma ou duas deixadas pelas ocupantes do quarto. Gallagher telefonou ao homem da perícia:

«Não vá me dizer que a mulher andava de um lado para o outro em seu quarto sem tocar em nada?»

O funcionário da perícia, porém, continuava na sua. Espalhara o pó para recolher impressões e não havia encontrado nada.

McQueen e um dos detetives da seção de Gallagher foram ao quarto 1.222 inspecionar por sua conta, espalharam pó e descobriram uma perfeita impressão palmar que fora deixada na ombreira da porta do banheiro.

Agora tinham que realizar um exaustivo trabalho de eliminação. Todos os que haviam estado no local do crime (detetives, funcionários da perícia, empregados do hotel) deviam tirar impressões palmares. O próprio Gallagher submeteu-se também à prova, embora estivesse certo de que não tinha tocado em nada. «Quando vou ao local de um crime, fico sempre de mãos nos bolsos», disse aos companheiros. «Muitas vezes são os próprios detetives que deixam *pistas*.»

Nenhuma das impressões recolhidas coincidia com a da porta; os detetives presumiram que devia pertencer ao assassino. (Era demasiado grande para corresponder à de qualquer das vítimas.) De momento, a impressão não tinha qualquer utilidade, pois só as digitais são classificadas, mas mesmo assim podia servir para comparação com a de algum suspeito, quando (e se) ele fosse encontrado.

Em busca de um rádio

POR intermédio de amigos e parentes das duas mulheres assassinadas, foi possível saber que faltavam dois rádios de pilha e um aparelho portátil de televisão. O televisor era do tipo comum, mas um dos rádios (um rádio-relógio) tinha sido oferecido a Pat Motosugi pela Japan Food, na comemoração do 20.º aniversário da empresa, com uma inscrição alusiva à data. O fabricante podia ceder a McQueen uma foto deste e do outro rádio roubado. Eram as únicas pistas concretas, e McQueen não queria que o assassino viesse a saber que tinham sido descobertas. Se este não soubesse que os rádios eram identificáveis, podia tentar vendê-los ou empenhá-los. Os homens de McQueen começaram a investigar as casas de penhores, deixando a descrição dos aparelhos e os números de série, e insistindo no segredo da operação e na necessidade de agir com cautela.

A 24 de abril, uma semana e meia após os assassínios, McQueen já tinha circulares para distribuir com as fotos dos dois rádios. Foram enviadas para todos os distritos e seções de detetives, e os homens de McQueen fizeram uma nova investigação nas casas de penhores. A 10 de junho, ainda não tinham conseguido nada, e McQueen decidiu ampliar as buscas. Era uma decisão pouco convencional e ele a tomou com relutância, pois aquilo que planejava

podia alertar o criminoso. No entanto, parecia ser essa sua última esperança. McQueen pediu mais circulares e mandou afixá-las nas entradas dos edifícios de apartamentos e dos hotéis do bairro – e até nos postes de iluminação.

Só no dia 18 de junho, cerca de dois meses e meio após a descoberta dos cadáveres das duas japonesas, é que surgiu a primeira pista. Nessa tarde, um detetive da seção de homicídios do Bronx telefonou a McQueen. Alguém tinha visto o rádio-relógio descrito na circular. Segundo o informante, o rádio estava no apartamento de uma jovem de 22 anos, Ruby Jones, no Harlem. O detetive explicou que o informante era alguém que ele e um camarada tinham interrogado ao tentarem desvendar o assassínio do dono de uma *bomboniere,* no Bronx. Este crime parecia ter ocorrido alguns dias antes da morte das duas japonesas. O detetive disse que tudo indicava que o mesmo indivíduo teria cometido os três homicídios e, se isso fosse verdade, o suspeito já estava na prisão. Não havia provas suficientes para acusá-lo da morte do dono da *bomboniere,* mas tinha sido preso por roubo e violação da liberdade condicional. Seu nome era Oscar Jones – homem corpulento, retardado mental, com 25 anos e ampla ficha na polícia. A mulher em cujo apartamento o rádio-relógio fora visto era sua irmã.

Nessa mesma tarde, McQueen, acompanhado pelos detetives do Bronx, foi procurar Ruby Jones. No quarto, encontraram o rádio. A placa com a inscrição da Japan Food não tinha sido retirada. Ruby disse-lhes que o irmão lhe dera o aparelho de presente a 15 de abril, cinco dias depois da morte das japonesas.

No dia seguinte, Jim Grant e um detetive da seção de Gallagher levaram Oscar Jones da prisão ao gabinete do promotor de justiça do distrito, em Manhattan. Tiraram-lhe a impressão palmar e checaram-na com a que McQueen recolhera da porta do banheiro de Pat Motosugi. Era idêntica.

Um policial competente

A SOLUÇÃO deste caso e a descoberta de três delinqüentes juvenis foram quase simultâneas, e isso deixou McQueen e seus homens aturdidos e orgulhosos. A percentagem de homicídios desvendados no primeiro semestre de 1974, em Manhattan, tinha ultrapassado em 13,5% a taxa alcançada durante o mesmo período em 1973 e, para isso, a força-tarefa de homicídios de Manhattan dera significativa contribuição. McQueen e seus homens haviam ajudado a retirar de circulação 15 criminosos.

Este sucesso culminou com uma proeza extraordinária. Em meados de julho, começaram a investigar o assassínio de um colombiano encontrado morto a tiro num quarto de hotel. Só em outubro é que McQueen descobriu a identidade

do assassino, mas as semanas entre o homicídio e a identificação de seu autor foram bastante profícuas. Seus homens descobriram uma extensa rede de crime organizado, com sede na América do Sul. Abrangia um submundo de imigrantes ilegais, enormes estoques secretos de drogas contrabandeadas, jóias roubadas e grandes somas de dinheiro ganho ilicitamente.

A 30 de setembro, McQueen e três de seus auxiliares (Powers, Corrigan e Rynne) já tinham prendido 14 indivíduos por posse de dinheiro roubado, porte ilegal de armas, posse de cocaína, de passaportes falsos, de jóias roubadas – e por suborno. Richie Powers teve por duas vezes propostas de suborno no valor de seis mil dólares para libertar um homem que prendera como suspeito; Bernie Corrigan foi assediado com um suborno também de seis mil dólares; e a McQueen foram oferecidos cinco mil dólares (o suspeito não sabia que ele era o chefe, senão teria oferecido mais). Este dinheiro, juntamente com o que os detetives encontraram com os demais suspeitos, perfazia um total de 134.862 dólares.

Era um caso tão singular e tão audaciosamente deslindado que o chefe de detetives, Louis C. Cottell, pediu a McQueen que lhe fizesse um relatório. Este enviou-lhe uma descrição imparcial e detalhada dos fatos relativos a cada uma das prisões e todo o dinheiro.

Além dos suspeitos presos e dos 134.862 dólares, McQueen e seus homens apreenderam sete quilos e meio de cocaína, avaliada em 335 mil dólares, e marijuana no valor de 16.800 dólares. A 18 de outubro, McQueen, Powers e Corrigan fizeram mais duas prisões, apreenderam uma sexta arma, um suborno de 8.850 dólares e mais 10 mil dólares roubados.

No íntimo, McQueen e seus homens sentiam um prazer muito especial em demonstrar a integridade de seu grupo. A carta de recomendação de Cottell para McQueen foi entusiástica:

> *O CASO foi conduzido segundo as melhores tradições do Departamento e da Seção de Investigações. Parabéns, Sargento McQueen, por este exemplar trabalho policial!*

EM novembro de 1974, quando a força-tarefa se aproximava do seu segundo aniversário, McQueen achou que era ocasião de organizar nova festa. Os detetives e as respectivas esposas se reuniram uma vez mais no mesmo restaurante.

McQueen, que se havia mostrado autoconfiante a ponto de convidar para a festa três dos principais membros da polícia e suas esposas, por outro lado, era suficientemente modesto para sentir-se lisonjeado a até surpreendido com a pronta aceitação que eles deram ao convite; fora por causa de suas extraordinárias realizações que os três comandantes de dis-

trito, sob cujas ordens ele servira, tinham acedido em estar presentes à festa.

Embora orgulhoso de seus auxiliares e consciente de seu respeito pelos chefes antigos e atuais, McQueen tinha momentos em que duvidava de si próprio. Kathleen, apercebendo-se da inquietação do marido, tentava restabelecer-lhe a confiança. Disse-lhe que ele havia merecido aquela consagração, que todo mundo ali sabia disso e que todos estavam tendo momentos muito agradáveis.

Quase ao amanhecer, quando os McQueens iniciaram o longo trajeto para casa, no Bronx, pelas ruas desertas da cidade, Kathleen, morta de sono, perguntou ao marido: «Você se divertiu?»

«Creio que sim», respondeu.

A resposta era típica. Se, em vez disso, Kathleen lhe tivesse perguntado «Você está satisfeito com sua vida? Acredita ter atingido uma meta?», a resposta dele teria sido a mesma. A única coisa de que Jerry McQueen não tinha dúvidas era de ser de fato um bom policial.

O GOLPE DO COMPUTADOR

Sem o computador, o homem moderno não teria realizado nenhuma de suas extraordinárias aventuras espaciais. Sem o computador, a vida de hoje não teria o frenético dinamismo que tem. O computador serve praticamente para tudo – até para roubar. Veja em nosso próximo número as incríveis fraudes pelo uso indevido dos computadores nas grandes empresas.
E mais:
– Subindo a montanha com Helen Keller
– Carta a minha filha
– Incêndio na usina atômica

SELEÇÕES — o prazer de ler -P. H.